

“Tout va très bien, madame la marquise” – as Raízes Medievais do Humor *¹

Jean Lauand
Prof. titular FEUSP
jeanlaua@usp.br

O pioneiro do humor no século XII

Neste estudo analisaremos alguns aspectos da *Disciplina Clericalis* de Pedro Alfonso, o marco inicial da literatura de fábulas e de anedotas na Idade Média. Pedro Alfonso foi um erudito judeu-espanhol, que - após converter-se ao cristianismo (em 1106, em Huesca, reino de Aragão) - compôs, com o intuito de ajudar na formação do erudito (ou do clero²), a *Disciplina Clericalis*³, importante obra voltada para a educação moral, com uma série de conselhos e uma coletânea de provérbios, *exempla*, parábolas e fábulas em grande parte de procedência oriental⁴.

Em sua época, em torno do ano 1100, está ocorrendo na Europa uma mudança do centro de gravidade da vida, que vai passando do campo para a cidade; da escola monástica para a catedralícia (e outras formas de escolas urbanas⁵ e, depois, para a universidade) etc. Ou como sintetiza Soto Rábanos: “A partir del siglo XII, incluso desde

1 Originalmente, capítulo do livro: Literatura e Vida Urbana na Idade Média, Terezinha de Oliveira e Angelita M. Visalli (orgs.), Bragança Paulista, Editora São Francisco, a ser lançado em 2007.

2. Como sugere Jorge M. Ayala: “‘Disciplina clericalis, pues instruye al clérigo’. Pero, según añade María Jesús Lacarra, la palabra ‘clérigo’ tenía en la Edad Media un doble sentido: hombre de letras y hombre de Iglesia, dos vocaciones íntimamente unidas en ese momento histórico. Por esta razón, quizás cabría traducir el título como ‘enseñanza de doctos’, lo que justificaría la combinación de temas mundanos y espirituales”. Ayala, Jorge M. *Pensadores aragoneses. Historia de las ideas filosóficas en Aragón*, Zaragoza, Institución Fernando el Católico, 2001, p. 145. http://www.ts.ucr.ac.cr/~historia/biblioteca/historia/ayala_jorge.pdf. Acesso em 4-1-07. A obra citada é Lacarra, María Jesús *Pedro Alfonso*, Zaragoza, DGA, 1991. A *Disciplina* serve também - se pensarmos no clérigo em estrito senso - como repertório de exemplos para a pregação.

3. Encontra-se em PL 157, 671 e ss. Seguimos também o original latino da edição de Angel González Palencia, Madrid-Granada, CSIC, 1948.

4. Aliás, para uma “língua confundente”, como a original da *Disciplina*, o árabe, “provérbio, *exemplum*, parábola e fábula” são designados pela mesma e única palavra: *mathal* (em hebraico: *marshal*).

5. Para o tema das escolas urbanas e do papel da cidade, a partir do século XI, veja-se o estudo de José María Soto Rábanos: “Las escuelas urbanas y el renacimiento del siglo XII” in *La Enseñanza en la Edad Media. X Semana de Estudios Medievales* (Nájera, 1999), ed., José-Ignacio de la Iglesia Duarte, Logroño, Instituto de Estudios Riojanos, 2000, pp. 207-41. Ou: <http://www.vallenajerilla.com/glosas/renacimiento.htm> Acesso em 4-1-07.

finales del siglo XI, la ciudad, la nueva ciudad medieval, la urbe, protagoniza las relaciones interpersonales, económicas, comerciales y culturales”.

Não é indiferente o fato de Pedro Alfonso ser da Espanha. No notável artigo “A Espanha Medieval, Fronteira da Cristandade”, Fernando Domínguez Reboiras investe contra o viés reducionista de tantos historiadores “da cristandade” medieval: “Em resumo, a história da cristandade ocidental até a ruptura de sua pretensa unidade pela Reforma protestante, é contada nos livros de história dos países da Europa Central como um jogo de cabo de guerra entre os dois poderes, o civil e o eclesiástico, isto é, entre o imperador e o Papa. Uma história de conflitos que se centra numa área geográfica limitada à Alemanha, França e Itália. Tudo o que acontece em política fora desse reduzido espaço é considerado como periférico complemento desse conflito central. A história dos outros países europeus é estudada quase que exclusivamente em função desse confronto ou como mera ilustração dele (...) A Espanha foi durante muitos séculos um país de fronteira na cristandade ocidental. Refinando esta afirmação pode-se dizer até que a Espanha era a única região da cristandade ocidental que vivia em contato direto com outras religiões. Esse contato entre as religiões na Espanha não foi só de caráter conflituoso mas teve, do século VIII ao século XV, manifestações de convivência e de intercâmbio muito dispare (..) O simples fato de que os cristãos na Espanha viviam em contato com o Islam numa ordem social na qual os judeus desempenhavam um papel decisivo nos centros urbanos, tanto sob o domínio muçulmano como cristão, teve enormes conseqüências para a identidade pessoal de cada indivíduo cristão naquela sociedade pluri-religiosa”⁶.

Nas cidades de Espanha convivem as três culturas - islâmica judaica e cristã - e esse autor judeu, na Huesca reconquistada (1096), inclui em sua *Disciplina* “provérbios e exemplos dos árabes”⁷ e, ainda no *Prólogo*, diz que escreveu o livro em árabe e o traduziu para o latim. Alberto Gil Novales lembra o fato - apontado por Maxime Rodinson e também por Karen Armstrong - que “Pedro Alfonso fue el primero en emplear en su obra datos de valor objetivo sobre Mahoma y el Islam, en lugar de mentiras y de incomensiones”⁸

Se a produção da *Disciplina Clericalis* é típica da Espanha da época (onde pode haver um erudito judeu com fontes árabes), María Jesús Lacarra faz notar que essa obra foi mais difundida em outros países da Europa do que na própria Espanha: “Los escasos testimonios manuscritos de la *Disciplina Clericalis* conservados en las bibliotecas españolas parecen indicar que en su lugar de origen no tuvo la obra la popularidad que alcanzó en otros muchos puntos de Occidente. Es posible que los avatares biográficos de

⁶. E prossegue: “Um cristão no norte da França tinha necessariamente uma visão do mundo muito diferente da do cristão da Córdoba muçulmana ou, mais tarde, da fronteira do reino nazarí de Granada. O infiel para o francês era um ser humano fora da sociedade cristã, uma pessoa que não cria naquilo que fundamentava sua existência, mas era principalmente uma pessoa que ele até sabia que existia mas nunca a tinha visto. Esse cristão, fosse ele culto ou analfabeto, podia viver cem anos sem encontrar uma pessoa não cristã. Já para o cordovês, o infiel era uma pessoa de carne e osso com quem ele se encontrava todos os dias na rua e de quem podia necessitar assistência médica, de quem comprava pão ou beringelas ou com quem tinha brincado quando era criança. Esta realidade -tão simples- não deve ser esquecida ao se propor diferentes visões da humanidade dentro de uma generalizada e hipotética cristandade ocidental”. <http://www.hottopos.com/mirand10/reboiras.htm>

⁷. “...partim ex proverbii et castigationibus Arabicis” (Prologus)

⁸. <http://www.diariodelaltoaragon.es/noticias/detalle.php?id=68495>: “Recordando a Pedro Alfonso”, *Diario del Alto Aragón*, 10-08-2004. Acesso em 4-1-07.

su autor, que quizá le obligaron a ausentarse de la península poco después del bautismo, y las reacciones que suscitó su conversión expliquen este silencio⁹”.

A *Disciplina Clericalis* e a exortação moral: fábulas, provérbios, parábolas

A *Disciplina Clericalis* tem sido objeto de diversos estudos; neste breve artigo, após algumas amostras do livro, limitar-nos-emos à sua contribuição para o humor, também ele parte do intercâmbio na Espanha das três culturas.

Após a inicial invocação a Deus¹⁰, Pedro Alfonso expressa os objetivos de seu trabalho: sendo o homem fraco e esquecedor por natureza é preciso instruí-lo de um modo ameno e divertido, é preciso "amaciar e adoçar" os ensinamentos, tornando-os mais acessíveis à memória.

Por isso, escreve no “Prólogo”:

"Compus este livrinho com provérbios dos filósofos e exemplos morais dos árabes, com fábulas, versos e comparações com animais e aves (evitando, naturalmente, tudo aquilo que seja contrário à nossa fé)".

Assim, encontramos conselhos, como os da abertura do livro:

Conselhos de Luqman a seu filho¹¹

Balaam, cujo nome, em língua árabe, é Luqman, disse a seu filho:

- Filho, não seja a formiga mais sábia do que tu: ela ajunta no verão, o que a sustentará no inverno.

- Filho, não seja o galo mais consciencioso do que tu: ele já está de manhã desperto, enquanto tu dormes.

- Filho, não seja o galo mais forte do que tu: ele mantém na linha dez esposas, enquanto tu não consegues emendar uma sequer.

- Filho, não seja o coração do cão mais nobre do que o teu: ele não esquece seu benfeitor, enquanto teus benfeitores são por ti esquecidos.

⁹. Lacarra, M.^a J (org. e autora) ., «Ecos de la *Disciplina clericalis* en la tradición hispánica medieval», en *Estudios sobre Pedro Alfonso de Huesca*, Instituto de Estudios Altoaragoneses, 1996, p. 286. Cit por Ayala *Pensadores aragoneses...* p. 147.

¹⁰. "Dou graças a Deus que é o Primeiro e sem princípio, em Quem todas as honras têm seu princípio, Fim sem fim etc. etc. etc."

¹¹. Luqman, nome de um sábio árabe sobre o qual divergem as opiniões de estudiosos. Uns asseveram que ele era profeta; outros, que não era profeta, porém homem muito piedoso e uma espécie de Esopo oriental; outros, ainda, que era juiz dos filhos de Israel. Segundo o Alcorão, Luqman foi um homem a quem Deus concedeu sabedoria. A sura XXXI se denomina Luqman, pela menção de seu nome nos vv. 12 e 13. Nessa sura, resumem-se os nobres mandamentos, atinentes à obediência das leis divinas e dos preceitos éticos, nos conselhos de Luqman a seu filho.

E fábulas, como a da serpente e a do ladrão:

Fábula IV

Disse o árabe a seu filho: "Se vires um malvado qualquer sofrendo, não te intrometas, porque o sino cai em cima de quem o desata".

Certo homem, andando pela floresta, encontrou uma serpente estendida e amarrada a uma estaca fincada na terra por pastores. Libertou-a imediatamente e cuidou de aquecê-la. Aquecida a serpente, começou a circundá-lo até que envolveu o homem, apertando-o severamente. Disse o homem: "Mas, que fazes? Por que retribuís com mal o bem?" Respondeu a serpente: "Sigo a minha natureza". Ao que o homem retrucou: "Mas, se eu te fiz o bem... e me pagas com o mal?"

Estavam assim discutindo, quando a raposa foi convocada a julgar o caso, após lhe relatarem, ordenadamente, tudo o que tinha acontecido.

Disse a raposa: "Não sei julgar esta causa por ouvido, mas só após ver a reconstituição do que ocorreu". Assim, a serpente foi reatada à estaca, como no começo do caso e, então, a raposa disse: "Agora, ó serpente, se podes escapar por ti mesma, vai-te! E tu, ó homem, aprende a não te meteres a libertar serpentes: acaso não leste que o sino cai em cima de quem o desata?"

Fábula XXVIII

Entrou um ladrão na casa de um rico e nela encontrou diversos cofres cheios de tesouros. Estupefato ante tanta variedade de riquezas, aplicou-se a escolher, lenta e cuidadosamente, as mais preciosas, deixando de lado as mais vulgares: e, assim, consumiu seu tempo até que, nascendo, o dia denunciou seus nefastos intentos.

Despertados subitamente, os guardas da casa surpreenderam o ladrão escolhendo o que queria levar; apanharam-no, chicotearam-no e arremessaram-no no cárcere. E, por fim, como era de esperar, recebeu a pena capital. Se ele tivesse se dado conta de que o dia não tardaria em vir, teria evitado o chicote e o castigo e, também, o mais grave: ficar privado da cabeça...

Daí que um filósofo diga: "As riquezas deste mundo são efêmeras como os sonhos de um homem que dorme; tudo o que

em sonhos ele possui, desfaz-se definitivamente, ao acordar e abrir os olhos".

O saudoso Prof. Dr. Ruy Nunes, em seu estudo sobre Pedro Alfonso, destaca outros aspectos da *Disciplina*: “Angel González Palencia acha que Pedro Alfonso se inspirou em Honáin Benishac, em Mobáxir, no *Kalila* e no *Syntipas*, e considera invejável a fortuna da *Disciplina Clericalis*. Os contos foram mais elaborados literariamente pelos seus imitadores e traduzidos em Hebraico, Francês, Alemão, Italiano, Inglês, Islandês, Catalão, Bearnês. Em Castelhana ficou incorporado no *Libro de los exemplos* de Sanchez de Vercial, com uma ordem distinta e, em sua maior parte, no *Isopete historiado* que o infante Dom Henrique de Aragão fez traduzir. Vicente de Beauvais cita esses contos no *Speculum historiale* e eles foram utilizados por dom João Manuel, o arcebispo de Hita, Boccaccio, João de Timoneda, e outros (Palencia, *História de la Literatura Árabe-Española*, p. 309-310). Ramón Menéndez Pidal destaca o caráter misógino da obra de Pedro Alfonso. ‘Na realidade, escreve, muitos dos contos estão longe de aspirar uma moral edificante. A seção mais copiosa é formada por seis narrações (uma quinta parte do total) dedicadas a mostrar a malícia e a infidelidade das mulheres, tema que a literatura contística árabe tomou da literatura hindu, particularmente abundante em relatos sobre as artimanhas e os enganos femininos’ (Pidal, *España, Eslabón entre la Cristiandad y el Islam*, p. 21). Pidal salienta, outrossim, o caráter parenético que a obra de Pedro Afonso assumiu. Ele toma como exemplo o conto X que, na *Patrologia Latina* de Migne, aparece como a Fábula VIII (PL 157, cl. 682): ‘*Dictum est de quodam qui peregre proficiscens commisit uxorem suam suae socru*’. Um homem viajou para o estrangeiro e deixou a mulher aos cuidados da sogra. A mulher se enamorou de outro e o contou à mãe que, condoída de sua filha, lhe serviu de alcoviteira. Estavam os três a comer, quando inopinadamente chegou o marido. A mulher escondeu o amante na alcova e abriu a porta para o marido que foi logo declarando querer ir para a cama. A mulher, aflita, não sabia o que fazer. Então, a mãe lhe disse: Não te apresses, filha, em lhe preparar a cama, sem antes termos mostrado ao teu marido a colcha que fizemos. Aí a mãe segurou uma ponta da colcha e estendeu a outra à filha para que a levantasse ‘*Sicque lintheo extenso delusus est maritus quousque qui latuerat egrederetur amicus*’. E assim o marido foi iludido, enquanto o amante escondido escapava por trás da colcha estendida. Agora vai, disse a mãe à filha, e estende a colcha que tecemos sobre a cama de teu marido. Este embeveceu-se com a beleza da colcha e com a habilidade de sua mulher, ao que esta ripostou: ‘Ai, filho, tenho tecido muitas como esta’. Findo o conto, o discípulo não se conteve de exclamar: ‘*Mirabile quid audivi...*’ Esse conto, como esclarece Pidal, era narrado como um bom exemplo pelos pregadores no recolhimento das igrejas.”¹²

A *Disciplina* ensina também normas de boa educação e de bem viver (do cap. XXVI):

Sobre o modo de comer

¹² “O Realce de Pedro Afonso no Renascimento do Século XII”
<http://www.hottopos.com/mirand8/ruynun.htm> . Acesso em 4-1-07.

Filho: Pai, por que te esqueceste de me ensinar como se deve comer diante do Rei?

Pai: Não é que me tenha esquecido, mas, na verdade, não há diferença alguma entre comer na presença do Rei ou em qualquer outro lugar.

F.: Ensina-me, então, como devo comer em qualquer parte.

P.: Tendo lavado as mãos para comer, não toques em nada que não seja comida, até que tenhas terminado. Não comas pão entre um prato e outro, para que não sejas considerado impaciente. Não tomes bocado tão grande, que as migalhas caiam por aqui e por ali e sejas considerado glutão. Não engulas o bocado, até que esteja bem mastigado em tua boca, para não engasgares. Não tomes o cálice de boca vazia, para que não pensem que tens sofreguidão pelo vinho. Não fales enquanto tens algo na boca; assim, evitarás que algo vá da garganta aos pulmões, o que seria fatal para ti. Se vês algo que te agrada num prato que está diante de outro comensal, não o tomes, para que não sejas considerado grosseiro. Após a refeição, lava as mãos, porque é higiênico e elegante: são muitos os que sofrem moléstias dos olhos por tocá-los sem ter lavado as mãos depois das refeições.

F.: Se alguém me convida para uma refeição, como devo responder: aceito imediatamente, ou não?

P.: Segue o que está indicado pela autoridade dos judeus: se alguém te convidar, repara em que tipo de pessoa é. Se for um grande, aceita imediatamente; se não, aceita só na segunda ou na terceira vez, de acordo com quem é que está te convidando. É o que se narra de Abraão (cfr. Gên 18,2 e ss.): "Estando ele, um dia, à porta de sua casa, viu passarem três anjos sob aparência de homens. Rogou-lhes, com rosto digno, que entrassem em sua casa, que lavassem os pés, que tomassem uma refeição e que, dormindo, reconfortassem seus membros cansados. E eles, como se tratasse de um grande, aceitaram imediatamente. Já quando passaram junto à casa de Lot, só aceitaram o convite como que coagidos pelas reiteradas insistências, pois não se tratava de um autêntico grande.

O Humor na *Disciplina Clericalis*: as anedotas do servo Maimundo

O desfecho do capítulo XXVI, também ele de fino humor, serve de gancho para o capítulo seguinte, no qual se narram as divertidas anedotas do servo Maimundo, *Maimundus nigrus*, o sagaz preto Maimundo - nome de nítida ressonância semítica -, guloso, falador e preguiçoso, que nunca se dá mal. Uma espécie de Macunaíma ou Pedro Malazartes da época.

O jovem perguntou ao ancião:

- Que farei quando for convidado para almoçar: devo comer pouco ou muito?

- Muito! - respondeu o ancião - Porque, se o anfitrião for teu amigo, muito se alegrará; se for inimigo, aborrecer-se-á.

Ao ouvir isto, o jovem começou a rir.

- Por que ris? - perguntou o ancião.

- É que estou me lembrando do que ouvi sobre o preto Maimundo. Um ancião perguntou a Maimundo quanto ele podia comer. Ele retrucou: "Comida minha, ou de outro?". O ancião respondeu: "Tua". Replicou Maimundo: "O menos que puder". Perguntou o velho: "E se for de outro?". Ao que Maimundo ajuntou: "Aí, o mais que puder".

E o ancião disse:

- Recordaste as palavras de um guloso, preguiçoso, tolo, falador e embusteiro, e que é, na realidade, muito pior do que o que dele se fala.

Mas o jovem pediu:

- Muito me alegraria ouvir outras anedotas dele, porque são muito engraçadas. Se te lembras de alguma, faz-me o grande favor de contar.

Anedotas do servo Maimundo (cap. XXVII)

O senhor de Maimundo ordenou-lhe, certa noite, que fosse fechar a porta. Maimundo - que, oprimido pela preguiça, nem podia se levantar - respondeu que a porta já estava fechada.

Ao alvorecer, disse-lhe o senhor:

- Maimundo, vai abrir a porta.

- Como eu sabia que o senhor havia de querê-la aberta hoje, nem cheguei a fechá-la ontem.

O senhor, percebendo que, por preguiça, não a tinha fechado, disse-lhe:

- Levanta-te e faz o que tens de fazer, pois é dia e o sol já está a pino.

- Se o sol já está a pino, então dá-me de comer - respondeu Maimundo.

- Servo mau, nem amanheceu e já queres comer?

- Bom, se não amanheceu, então deixa-me continuar dormindo.

Em outra noite, disse o senhor a seu servo:

- Maimundo, levanta e vai ver se está chovendo!

Maimundo, porém, chamou o cachorro que estava deitado fora da porta e, quando ele chegou, apalpou-lhe as patas. Vendo que estavam secas, disse:

- Não, senhor, não está chovendo!

Noutra ocasião, também de noite, o senhor perguntou a Maimundo se tinham lume na casa. O servo chamou o gato e apalpou-o para ver se estava quente ou não. Como o gato estivesse frio, respondeu:

- Não, senhor, não temos fogo!

Disse o jovem ao ancião:

- Ouvi sobre a preguiça dele; gostaria agora de ouvir suas proezas de falatório.

E o velho contou o seguinte caso:

A permanência hoje do humor do séc. XII: “*Tout va très bien madame la marquise*”

Esse “caso”, ainda no capítulo XXVII, tornar-se-á um clássico de humor, projetando-se por oitocentos anos, até chegar - de forma essencialmente idêntica - a uma das mais célebres canções humorísticas do século XX: a “*Tout va très bien, madame la marquise*”, título que ainda hoje é proverbial na França (e em outros países). Gravada por *Ray Ventura et ses Collégiens* em 1935, foi composta por um de seus músicos, Paul Misraki, mas logo vieram as acusações de plágio do tema da letra: Paul Dubé cita várias delas – “*Misraki plagiant Bach et Laverne plagiant Gabriel de Lautrec plagiant Dumas...*”¹³. Faltou dizer que, afinal, todas remetem a Pedro Alfonso no século XII.

Em qualquer caso, trata-se do patrão que volta, após a ausência de alguns dias, nos quais ocorreram as piores desgraças em sua casa, e pergunta ao criado como estão as coisas. Este, usando de “boa psicologia”, para não enfurecer o patrão, diz que está tudo bem, tudo muito bem, a menos de um pequeno probleminha..., e de outro (não tão pequeno) e de outro (enorme) etc.

A versão da *Disciplina*:

¹³. http://chanson.udenap.org/paroles/tout_va_tres_bien.htm Acesso em 4-1-07.

Contam que o senhor voltava do mercado, todo contente pelo bom lucro que tinha auferido. E veio Maimundo a seu encontro. O senhor, vendo-o, temeu que viesse dar más notícias, como era de costume, e advertiu-o:

- Olha lá, Maimundo, não me venhas com más notícias!

E o servo respondeu:

- Não tenho más notícias, senhor, só que nossa cadelinha Bispella morreu.

- Como foi que ela morreu? - perguntou o senhor.

- Nossa mula, assustada, quebrou o cabresto e, ao fugir, esmagou-a sob suas patas.

- E o que aconteceu com a mula?

- Caiu no poço e morreu.

- E como foi que ela se assustou?

- É que teu filho caiu do terraço e morreu. Com a queda, a mula assustou-se.

- E a mãe do menino, como está?

- Morreu de dor pela perda do filho.

- E quem está tomando conta da casa?

- Ninguém, porque virou cinzas: a casa e tudo o que nela havia.

- Como começou o incêndio?

- Na mesma noite em que a senhora morreu, a criada, no velório pela senhora defunta, esqueceu uma vela acesa na câmara e começou o incêndio, que se espalhou pela casa toda.

- E onde está a criada?.

- Ela quis apagar o fogo, mas caiu-lhe uma viga na cabeça e ela morreu.

- E tu, como conseguiste escapar, sendo tão preguiçoso?

- Quando vi a moça morta, fugi.

O senhor procurou abrigo num vizinho que o acolheu e exortou-o a enfrentar cristãmente as adversidades.

O mesmo se dá na canção “*Tout va très bien madame la marquise*”, expressão usada, ainda hoje, por exemplo, quando um governante (ou um candidato, um técnico de futebol etc.) quer tapar o sol com a peneira e insiste em negar uma crise evidente e diz que a situação está muito boa, que são probleminhas normais, que só há pequenos acertos a fazer... Ou quando, por medo, ninguém se atreve a dizer ao chefe (ou ao professor, ou ao sargento...) que há problemas graves na empresa (no curso, no quartel...) etc. A senhora marquesa, ausente já por quinze dias, telefona para saber como estão as coisas no castelo. Os criados dizem que está tudo muito bem, mas houve um pequeno probleminha, uma

bobagem: morreu o jumento, mas tirando isto, está tudo muito bem. E quando ela pergunta ao cocheiro sobre a morte do animal... Em resumo, o senhor marquês, ao saber-se subitamente arruinado financeiramente, suicidou-se e, ao tombar, derrubou as velas que queimaram o castelo e o vento levou o fogo à estrebaria e matou o jumento. Vale a pena ouvir a canção, obra-prima de criatividade e interpretação (disponível em: <http://www.jeanlauand.com/pagemq.html>).

Tout va très bien madame la marquise

Allô, allô, James, quelles nouvelles

Absente depuis quinze jours

Au bout du fil, je vous appelle

Que trouverai-je à mon retour?

Tout va très bien, Madame la Marquise

Tout va très bien, tout va très bien

Pourtant il faut, il faut que l'on vous dise

On déplore un tout petit rien

Un incident, une bêtise

La mort de votre jument grise

Mais à part ça, Madame la Marquise

Tout va très bien, tout va très bien

Allô, allô, Martin, quelle nouvelle

Ma jument grise, morte aujourd'hui

Expliquez-moi, cocher fidèle

Comment cela s'est-il produit?

Cela n'est rien, Madame la Marquise

Cela n'est rien, tout va très bien

Pourtant il faut, il faut que l'on vous dise

On déplore un tout petit rien

Elle a péri dans l'incendie qui détruisit vos écuries

Mais à part ça, Madame la Marquise

Tout va très bien, tout va très bien

Allô, allô, Pascal, quelle nouvelle

Mes écuries ont donc brûlé?

Expliquez-moi, mon chef modèle

*Comment cela s'est il passé?
Cela n'est rien, Madame la Marquise
Cela n'est rien, tout va très bien
Pourtant il faut, il faut que l'on vous dise
On déplore un tout petit rien
Si l'écurie brûla Madame
C'est que le château était en flammes
Mais à part ça, Madame la Marquise
Tout va très bien, tout va très bien*

*Allô, allô, Lucas, quelle nouvelle
Notre château est donc détruit?
Expliquez-moi, car je chancelle
Comment cela s'est il produit?*

*Eh! bien voilà, Madame la Marquise
Apprenant qu'il était ruiné
À peine fut-il revenu de sa surprise
Que Monsieur le Marquis s'est suicidé
Et c'est en ramassant la pelle
Qu'il renversa toutes les chandelles
Mettant le feu à tout le château
Qui se consuma de bas en haut
Le vent soufflant sur l'incendie
Le propagea sur l'écurie
Et c'est ainsi qu'en un moment
On vit périr votre jument
Mais à part ça, Madame la Marquise
Tout va très bien, tout va très bien*

Note-se que Pedro Alfonso tem um refinado toque de humor adicional: ao contrário da versão moderna (na qual é a marquesa quem pede notícias), na *Disciplina* é o servo Maimundo quem sai ao encontro do senhor, como que saboreando secretamente uma vingança: dar más notícias a seu senhor...

Outro tema clássico de humor: o caipira que se dá bem

Outro dos grandes temas de humor lançados por Pedro Alfonso é o da reversão do quadro (comum a todas as culturas) do confronto de esperteza entre os representantes dos mundos urbano e rural. O habitual é que o homem do campo seja apresentado como simplório e facilmente enganável (se é apenas uma hipótese etimológica que a palavra *clown* proceda do latim *colonus* - ou no acusativo: *colonus* -, o rústico, o caipira; o *Online Etymology Dictionary* aponta também que o uso originário de *clown* era precisamente nesse sentido¹⁴.)

O imenso potencial cômico que Pedro Alfonso explora é o da súbita inversão desses parâmetros: os espertinhos da cidade pensam que estão enganando o caipira, mas, no surpreendente desfecho, são eles os enganados. É o *Exemplum XIX*:

Os dois homens da cidade e o camponês

Conta-se que dois homens da cidade e um camponês faziam juntos a peregrinação a Meca e tomavam as refeições em comum. Quando já estavam próximos de Meca, começou a faltar-lhes comida e só lhes restou um pouco de farinha, suficiente para fazer um pequeno pedaço de pão. Os dois cidadãos, vendo isto, disseram entre si: "Temos pouco pão e este nosso companheiro come muito. Convém, portanto, que pensemos em um modo de nos apropriarmos da parte dele para que o pão fique só para nós". E combinaram o seguinte: preparar o pão e enquanto este cozinhava todos dormiriam e aquele que em sonhos visse as coisas mais admiráveis, comeria sozinho o pão. Propunham isto manhosamente para enganar o rústico em sua simploriedade. Prepararam a massa, puseram-na ao fogo, deitaram-se e adormeceram. O camponês percebeu o ardil e, enquanto dormiam os companheiros, tomou o pão ainda mal cozido, comeu-o e voltou a deitar-se. Depois, um dos homens da cidade, como que sonolento e espantado, despertou e chamou seu companheiro. Este lhe disse:

- Que tens?

- Tive um sonho maravilhoso: parecia-me que dois anjos abriam as portas do céu e me tomavam e levavam ante Deus.

Disse o outro cidadão: “- Mas que admirável teu sonho! E eu sonhei que dois anjos me tomavam e, fazendo uma fenda na terra, levavam-me para o inferno”.

O camponês ouvia tudo isto, mas fingia estar dormindo. Então, os homens da cidade - que queriam enganar e foram enganados - chamaram o camponês para que acordasse. E ele discretamente, como que espantado, respondeu: “- Quem me chama?”

- Nós, teus companheiros.

- Mas vocês já voltaram?

- Como assim: "voltaram"? Se nós não fomos a parte alguma.

¹⁴. <http://www.etymonline.com/index.php?search=clown&searchmode=none> Acesso em 4-1-07.

- Engraçado, tive a impressão que dois anjos tomaram a um de vocês, abria-lhe a porta do céu e o levava ante Deus. Depois outros dois anjos tomaram o outro e, abrindo a terra, levavam-no ao inferno. Ao ver estas coisas pensei que nenhum dos dois jamais voltaria, levantei-me e comi o pão.

E, assim, aqueles que - engenhosamente - quiseram enganar, saíram enganados. É como diz o provérbio: "Quem tudo quer, tudo perde".

Essa mesma idéia reaparece em forma de um *sketch* do incipiente teatro da época: *Os Estudantes e o Camponês*, de autor anônimo. É por vezes atribuída a um desconhecido Ugo Racellario ou a Geoffroy de Vinsauf (séc. XII), autor de *Poetria Nova*.

Os Estudantes e o Camponês¹⁵

ESTUDANTE I - Companheiro!

ESTUDANTE II - Que é?

E-I - A caminho!

E-II - O que você quer fazer?

E-I - Uma peregrinação!

E-II - Quando?

E-I - Já!

E-II - Aonde?

E-I - A um lugar perto daqui.

E-II - Tudo bem!

E-I - Preparar alforges!

E-II - Pronto!

E-I - Cruz ao ombro!

E-II - Pronto!

E-I - Bastão na mão!

E-II - Pronto!

E-I - Então, vamos. Tudo certo!

E-II - Tudo certo, uma ova!

E-I - Qual é o problema?

E-II - Falta o dinheiro.

E-I - Quanto você tem na bolsa?

¹⁵. Traduzimos, livremente, a partir da versão de GUGLIELMI, Nilda *El teatro medieval*, Edit. Universitaria de Buenos Aires, 1980, pp. 51 e ss.

E-II - Tá tudo aqui, ó?

E-I - Mas, não há nada!

(Os estudantes se põem a caminho e um camponês se junta à peregrinação)

E-I - É inadmissível! Estamos indo com muita morosidade. Já o crepúsculo se prefigura e precisamos aproximar-nos da cidade. Vamos! Mais depressa!

E-II - Mas, quem adiantar-se-á para inquirir de alojamento? Urge que algum de nós... *(olha para o camponês)* ...se disponha a ir na frente.

CAMPONÊS - Se oceis quisé, eu posso i.

E-I - Assentimos! Sim, precede-nos, vai na frente você, que caminha mais rápido.

C - Tá bão...

(O camponês vai um pouco à frente)

E-I - Ele vai lá adiante e estamos aqui só nós. Vamos garantir a nossa! Tudo o que temos em comum é uma torta¹⁶: dá para dois, mas não para três. Esse caipira comilão vai acabar comendo-a de um só bocado e não sobrar nada para nós. Mas ele é tolo e simplório, podemos enganá-lo facilmente. Ele pode ser bom de apetite para comer, mas, na esperteza, os bons somos nós.

E-II - Boa idéia! Vamos aproximar-nos dele e enganá-lo.

E-I - Camponês! Ó, camponês!

C - O sior chamô?

E-I - É para saber se está tudo bem.

C - Tá tudo bão...

E-I - Avaliemos nossas provisões, o que temos para comer?

E-II - Só essa torta aqui.

E-I - Mas ela não é grande. Não bastará para nós três.

E-II - É deveras insuficiente.

E-I - Proponho que façamos um trato entre nós.

C - Quar?

E-I - O trato é o seguinte: quem tiver o sonho mais bonito, fica com a torta. Vocês concordam?

E-II - Sim!

C - Sim...

E-I - Bom, então vamos dormir.

¹⁶. Não fica claro no texto a quem pertence a torta. Porém, numa peregrinação, é usual que - independente de quem trouxe o quê - os mantimentos sejam fraternalmente tomados em comum pelos romeiros. Evidentemente, o efeito teatral se intensifica se a torta tiver sido trazida pelos estudantes.

(Os estudantes adiantam-se um pouco e se põem a dormir)

C (pensando em voz alta) - Sei não, esses estudante da cidade vive aprontando. Acho que eles tão querendo é me inganá. Primero é pr'eu i na frente, depois eles é que passa na frente e, agora, vem com essa história de trato. Acho que eles tão quereno é me inganá. Mais mió é eu cumê iscundido a torta, porque eu acho que eles tão querendo é me inganá... [O camponês come a torta]

E-I (*acordando*) - Ah!, quem me despertou, subtraindo-me a visões edênicas. Perambulava eu por epiciclos e excêntricos, zodíacos e constelações, asteróides e potestades, pela pulcritude dos céus empíreos e sidéreos. Que beleza insuperável: nada mais magnífico! Quem poderia descrever tais maravilhas? Para encurtar a história: eu nem queria mais voltar para a Terra!

E-II - Também a mim usurparam-me onírico espetáculo. Nos braços de Morfeu, percorria múseas mitológicas. Contemplava eu as quatro fúrias: Alecto, Megera, Tisífone e... - como é que é o nome da outra? - Ah!, claro, a quarta era Erínia. E vi Prometeu, torturado pelo abutre; Tântalo no Estige; Íxion, pela roda arrastado; Sísifo e sua pedra. Desfilavam ante mim todas as versões e inversões da Hélade... Ah! Mas por que tentar narrar o infável? Basta dizer que eu nem queria mais voltar para a Terra!

C - Uai! Eu também vi toda essas coisa aí qui ceis tão falano e, como oceis num queria vortá, eu peguei a torta e apropriei pra substância de natureza individuar aqui o gênero universar¹⁷: comi tudinho!

O tema do caipira esperto - sobretudo quando leva vantagem sobre o espertinho da cidade – continua alimentando dezenas de piadas hoje¹⁸.

¹⁷. *Feci individuum quod fuit ante genus*. Ironiza as abstratas discussões acadêmicas sobre a "questão dos universais".

¹⁸. Recolho aqui, a título de exemplo, duas dessas piadas contemporâneas.

1. O caipira chega na cidade louco pra cair na farra, mas ele não sabe onde fica a zona. Nisso, passa um padre e ele pergunta:

- Bença, padre! Onde é que fica a igreja?
- Fica a duas quadras daqui, meu filho.
- Nossa, padre! Pertinho da zona!
- Não, meu filho!! A zona é ali do outro lado...

2. Rinha de galo

O caipira ganhava todas as apostas das brigas de galos daquele vilarejo, quando um sujeito da cidade, cansado de perder, chega para ele e pergunta:

- Meu amigo, vejo que o senhor é um grande entendido em brigas de galos.
- É...- responde timidamente o caipira.
- Pois eu já perdi quase todo meu dinheiro. Não acertei nenhuma aposta...pode me ajudar e dizer qual é o galo bom da próxima luta?
- O bom é o galo branco - responde o caipira.

O sujeito da cidade, rapidamente, aposta todo o resto do seu dinheiro no galo. Quando acaba a luta, ao ver o galo branco derrotado ele vai ter novamente com o caipira:

- Você não me disse que o galo branco é que era o bom?

O Exemplum de Opilione et Mangone (do cap. XXXI)

Concluimos com mais uma piada de Pedro Alfonso:

Anedota do Pastor e do Mercador

Um pastor sonhou que tinha mil ovelhas. Um mercador quis comprá-las para revendê-las com lucro e queria pagar duas moedas de ouro por cabeça. Mas o pastor queria duas moedas de ouro e uma de prata por cabeça. Enquanto discutiam o preço, o sonho foi-se desvanecendo. E o vendedor, dando-se conta de que tudo não passava de um sonho, mantendo os olhos ainda fechados, gritou: "Uma moeda de ouro por cabeça e você leva todas..."¹⁹.

- Pois é... o branco era o bom... o preto é que era o marvado

¹⁹. Esta anedota é usada por Pedro Alfonso para ilustrar a máxima: "As riquezas deste mundo são transitórias como os sonhos de um homem que dorme e que, ao despertar, perde, irremediavelmente, tudo quanto tinha, num abrir e fechar de olhos, como se diz vulgarmente".